

# A EMERGÊNCIA SOCIAL E SOCIOLÓGICA DAS MIGRAÇÕES NO FEMININO: O PAPEL DAS REDES SOCIAIS<sup>1</sup>

Guélmer Júnior Almeida de Faria<sup>2</sup>  
Luiz Antonio Matos Macedo<sup>3</sup>  
Andrea Narciso Rocha de Paula<sup>4</sup>  
Caroline Marci Fagundes Coutinho<sup>5</sup>

## Resumo:

O objetivo deste estudo é o de compreender a migração feminina sob a ótica das redes sociais, assim como sua inserção laboral, e por fim a mulher migrante e o trabalho doméstico como forma de inserção no mercado de trabalho. Destacando a invisibilidade das mulheres nas correntes teóricas, e destacar o papel das redes sociais como promotoras de uma nova relação onde não se restrinja somente a aspectos econômicos em que os migrantes se achem desconectados das relações sociais. Para a efetivação deste estudo, foram realizados, num primeiro momento, uma revisão de literatura com autores que discutem migração e desenvolvimento, assim, como elencar os principais eixos teóricos do processo migratório. Num segundo momento, dialogou-se com a temática da migração e gênero, trazendo uma nova emergência social (problema social) e sociológica (questão social), para dar visibilidade ao espraiamento das migrações no feminino.

**Palavras-chaves:** Migração, Gênero, Redes Sociais.

**Área:** Demografia

---

<sup>1</sup> Parte da Dissertação do primeiro autor intitulada: “*Do seu lugar para o lugar dos outros: a migração de mulheres e sua inserção no trabalho doméstico*” apresentada no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros.

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [guelmerjrf@yahoo.com.br](mailto:guelmerjrf@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Pós-doutorado pela Università degli studi di Roma Tre (2002), Doutor em Economia pela University of London (1989), Mestre em Economia pela Universidade de São Paulo (1979). Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [luizantoniomacedo@uol.com.br](mailto:luizantoniomacedo@uol.com.br)

<sup>4</sup> Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2009), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2003). Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [andreapirapora@yahoo.com.br](mailto:andreapirapora@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Mestre em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [karol\\_marci@hotmail.com](mailto:karol_marci@hotmail.com)

## **Introdução:**

*[...] Entregou a espingarda a Sinha Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinha Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis. E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande [...]*<sup>6</sup>

O romance de Graciliano Ramos narra o itinerário de uma família sertaneja fugindo da seca que assola o sertão brasileiro. As personagens têm muito a nos dizer sobre o processo migratório: Sinha Vitória como mãe, esposa e mulher tem papel primordial na história. Ela é a mais racional das personagens, faz contas, tem senso de direção, estando sempre providente. O papel de Sinha Vitória é secundário, ela corre o trecho acompanhando o marido e os filhos. É interessante observar segundo Assis (2003, p. 201) “embora as mulheres estivessem presentes nos fluxos migratórios do final do século XIX, sua inserção era analisada como aquelas que acompanhavam ou como aquelas que esperavam por seus maridos e filhos”.

A intenção assumida neste estudo foi contrariar, nas palavras de Marques e Góis (2012), “a cegueira de gênero das migrações” abandonando a tendência para assumir que o papel da mulher migrante é de subordinação ao homem durante o processo migratório.

Para Peres e Baeninger (2011), ao incorporar os diferenciais por sexo bem como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho.

Recentemente, com a incorporação da categoria analítica- gênero – na academia tem contribuído para ganhar relevância e permeando os domínios mais vastos e diversificados da vida social. Embora se depare muitas vezes com dificuldades na extração de dados e estatísticas que não especifica a categorização por sexo. Neste sentido, segundo Marques e Góis (2012, p. 8) “o ponto de partida da escolha do tema das migrações no feminino foi meramente empírico, correspondendo à tomada de consciência de que as mulheres desempenham desde sempre um papel muito relevante nos fluxos migratórios”.

Essa abordagem foi ao longo do tempo chamando a atenção para a subestimação do número de mulheres migrantes. Um dos textos de referência clássica para essa temática é o de

---

<sup>6</sup> Vidas Secas. Graciliano Ramos

Morokvasic: *Birds of Passage Are also Women* (1984), onde ao tratar da “feminização da migração” não se confunde apenas com aspectos quantitativos da presença feminina nos fluxos migratórios, sobretudo, trata-se de uma série de mudanças qualitativas relacionadas aos motivos, meios e formas dos processos de inserção socioeconômica, da integração social, do seu contributo social e econômico da migração feminina.

A emergência social que se assume para a ampliação do foco de análise da migração em torno da mulher é assumir o papel de autonomia, e ver como as migrações femininas emergem neste contexto de maior visibilidade. Para a academia trata-se de um momento rico em tratar o tema como uma nova questão sociológica, onde está em jogo a definição de papéis, comportamentos, redes sociais.

Para Chaves (2009, p. 12-13):

a migração feminina incorpora facilmente o viés de liberdade: a mulher sairia da proteção cotidiana familiar em busca de uma vida mais autônoma num outro destino. Sendo assim, migrar seria crescer e se independe. Entretanto, generalidades tamanhas não se ajustam a todas as migrantes. Sem dúvida, algumas características da migração atuam no sentido de melhorar a condição de vida das mulheres: o deslocamento autônomo, a maior escolaridade, a inserção no mercado formal. Porém, essas seriam conjunções que afetariam positivamente a condição de vida de qualquer um, homem ou mulher, o que alteraria o motivo do deslocamento “migrar para ficar bem”, muitas vezes vital, para “migrar para ficar ainda melhor”, necessidade que não parece tão premente.

As singularidades da migração feminina se dá justamente neste ponto de intercessão, onde a mulher em busca de um autonomia de vida, almeja na migração uma mudança de vida. Muito embora, a busca de trabalho seja importante motivação, a migração feminina também se reveste de fatores subjetivos entre seus determinantes.

O objetivo deste estudo é o de compreender a migração feminina sob a ótica das redes sociais, assim como sua inserção laboral, e por fim a mulher migrante e o trabalho doméstico como forma de inserção no mercado de trabalho. Destacando a invisibilidade das mulheres nas correntes teóricas, e destacar o papel das redes sociais como promotoras de uma nova relação onde não se restrinja somente a aspectos econômicos em que os migrantes se acham desconectados das relações sociais.

## **Migração e Gênero**

A história se encarrega de negligenciar o papel desempenhado pelas mulheres no decorrer do tempo. E nos estudos de mobilidade não poderia ser diferente. A questão de gênero, enquanto algo construído nas relações sociais entre homens e mulheres passa a ser visto como uma construção social, ou seja, parte do ponto de vista de Casagrande e Carvalho (2005, p. 9): “em que as premissas do social são cada vez mais vistas como culturalmente construídas, isto é, desnaturalizadas, e passíveis de reconstruções; fruto da interação entre os sujeitos e destes com a sociedade”.

Scott (1989) completa dizendo que gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Neste sentido, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Tanto as perspectivas neoclássicas quanto as macroestruturais ressaltam o papel do homem como migrante em busca de trabalho e negligenciam o papel da mulher relegando seu espaço ao âmbito doméstico.

Zlotinik *apud* Miranda (2009, p. 22) “salienta que as estatísticas também contribuíram para a invisibilidade da imigração das mulheres, uma vez que não incluíam categorizações em função do gênero. O fato da maioria das mulheres trabalhar na economia informal<sup>7</sup> contribui para que fossem subestimadas nos dados oficiais”.

Neste sentido uma análise quantitativa também é de fundamental interesse para se analisar as trajetórias laborais das mulheres. Chaves (2009) analisou com base nos dados censitários de 1991 a migração interna feminina nos anos 1980, os resultados revelam a grande potencialidade das informações censitárias, em especial daquelas sobre nupcialidade e realçam a importância e características dos deslocamentos de mulheres, nem sempre atrelados à família.

Angelin (2012) buscou compreender as trajetórias de famílias migrantes e sobretudo de trajetórias de vida e os papéis sociais atribuídos e desempenhados no âmbito da sociedade e, especificamente, nos processos migratórios, por mulheres migrantes paranaenses e nordestinas na cidade de São Carlos-SP. A conclusão é de que os papéis sociais são diferentes, pois dependem de contextos sociocultural e familiar. A família e os arranjos familiares determinam o desempenho desses papéis sociais. Mas, também não descarta outros fatores tais como: origem, cultura regional, condição climática e condição socioeconômica, que poderiam influenciar nas representações a ponto de uma mulher de um mesmo arranjo familiar atuar de modos diferentes na sociedade e no processo migratório.

---

<sup>7</sup> Serviços domésticos, cuidados pessoais e prostituição.

Peres e Baeninger (2011) em seus estudos têm contribuído para a inserção de gênero nos estudos de população. Avanços teóricos e metodológicos dos estudos de migração apontam para a necessidade do estabelecimento de um diálogo cada vez mais estreito com os estudos de gênero. Família, domicílio, negociação e reconstrução dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres ao longo de processos migratórios são dimensões que já não podem ser deixadas de lado pelos estudos de migração.

Por fim, os estudos de Assis (2007), “Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”, trata especificamente dessa questão ao focalizar o movimento de brasileiros, homens e mulheres, da cidade de Criciúma, Santa Catarina, para a região de Boston, Estados Unidos, mostrando como as mulheres articulam as redes de migração e as alterações das relações familiares e de gênero ao longo desse processo.

Esses estudos destacam principalmente, a invisibilidade da tomada de decisão em migrar em relação ao papel desempenhado pela mulher. Elas estão, muitas vezes, inseridas em redes e dentro de uma perspectiva menos racional.

Assis (2007) analisa que o processo migratório ao incorporar a categoria “gênero”, deixa de ser compreendido apenas como uma escolha racional de indivíduos sozinhos, mas envolvida em redes de relações sociais, como estratégia de grupos familiares, de amigos ou pessoas da mesma comunidade.

Neto e Nazareth (2012), analisando as redes sociais e a experiência migratória de mulheres nordestinas, sinaliza para a força e a representatividade com que as mulheres vêm aparecendo nos números e nas discussões sobre migração no mundo globalizado. O que torna o debate necessário para uma reflexão mais profunda sobre as especificidades da migração feminina, abordando fatores de vulnerabilidade e desigualdade, quanto à abertura de possibilidades e transformações na estrutura social, familiar e do trabalho.

Miranda (2009) também sinalizou para um fator que também contribuiu para maior visibilidade das mulheres: foi o fato de as migrações perderem seu caráter resultante de uma decisão individual, mas, sobretudo de estratégias familiares comunitárias. E também o espaço da casa como uma unidade de análise no estudo dos fluxos populacionais ganhou mais relevância.

Houve um deslocamento da perspectiva individual para a unidade doméstica e as comunidades como forças propulsoras da mobilidade geográfica. A mulher deixou de ser dependente para ser ator decisivo no processo migratório.

Os estudos de Chaves (2009) chamam a atenção para a migração feminina, que também não pode ser analisada de forma geral, sob pena de encobrir peculiaridades que

melhor a caracterizariam, a descreveriam, particularidades apontadas em diferentes movimentos e áreas. Cada local de origem se diferencia por seus costumes, suas deficiências e suas vantagens, da mesma forma que possíveis destinos apresentam distintas oportunidades e diversos desafios.

Alguns autores veem a maior visibilidade da migração feminina como umas das características que definem a atual era das migrações, denominada de “feminização da migração”. No entanto, é preciso pensar se estamos vivendo realmente um maior volume de migrações femininas ou se apenas estamos dando maior visibilidade a algo que já existia e estava encoberto.

Uma característica é a crescente demanda por mulheres na economia de serviços, com especial atenção ao trabalho doméstico, aos cuidados, comércio, etc. Tendo como fatores a modernização, a industrialização, urbanização, terceirização, aumento da informalidade, e o elevado nível educacional dos mais jovens que não aceitam trabalhos manuais.

Neste sentido Zlotnik *apud* Miranda (2009) percebem o papel das mulheres na economia como sendo duplo. Como papel ativo no mercado de trabalho na sociedade receptora e na manutenção da identidade das comunidades migrantes, ou no estímulo da integração da família.

Hugo *apud* Chaves (2009) considera as razões da migração similares ao leque de explicações para homens e mulheres, variando a ênfase atribuída a essas explicações, a depender da teoria em que se baseia o estudo. Assim, diferenças salariais entre regiões, consideradas importantes nas teorias neoclássicas que privilegiam a decisão individual, fariam mais sentido em análises sobre a migração masculina, enquanto que as que enfatizam a economia doméstica e consideram o movimento como resultante de uma decisão mais coletiva seriam mais adequadas ao estudo do deslocamento das mulheres.

Portanto, ao elencar a categoria gênero para os estudos de migração, é preciso analisar sob qual teoria migratória se irá abordá-la. Pois, os resultados das intenções de migrar podem ser semelhantes, o que vai diferenciar é a matriz teórica a ser analisada.

De acordo com Pessar (2000), há importantes intersecções entre transformações dos papéis de gênero, estratégias migratórias e inserção em diferentes mercados de trabalho ao longo do projeto migratório. A interdependência dessas estruturas causa diferentes impactos principalmente entre as mulheres, que são mais suscetíveis a essas transformações.

Entender essas estruturas que ficam a margem dos estudos migratórios para homens e mulheres, e sobretudo para as mulheres, assim como adotar a perspectiva de gênero nas

análises, demonstram a importância das diferenças socialmente construídas ao longo das migrações.

Uma das análises da migração feminina está centrada na teoria das redes sociais. Segundo Hugo (1999) e Donato (1993) *apud* Chaves (2009) o contínuo desses movimentos cria no destino uma comunidade que se apresenta com dupla função para a comunidade de origem: protege, acolhe e ampara as migrantes, ao mesmo tempo em que zela para que seu comportamento reflita as tradições e os costumes das áreas de origem. Funcionam assim como facilitadoras da migração feminina, relaxando impeditivos e possibilitando a permissão das famílias para a migração de suas mulheres.

Entretanto, a importância das redes sociais na migração feminina se dá pela incorporação por gênero, ou seja, trata-se apenas de mulheres, e estas atuam no acolhimento das necessidades básicas das migrantes, ao passo que protegem aquelas que buscam na migração uma oportunidade de melhorar de vida e fugir da desassistência do local de origem.

A teoria das redes sociais de acordo com Piselli (1998, p. 110) “com base no indivíduo e nas respectivas redes relacionais, reconstruem o tecido das relações sociais e econômicas, as trajetórias e os canais da mobilidade social, bem como as dinâmicas de conflito e mudança”.

Na visão de Boyd *apud* Assis (2003), as diferenças de gênero nos níveis sociais e econômicos influenciam na tomada de decisão de migração, o que modifica as estratégias e os arranjos familiares e influencia na composição por sexo da migração de trabalho, e até nos conflitos étnicos.

Embora este estudo aborde a migração feminina, e portanto é um estudo de mulheres, nosso interesse em trazer o debate sobre migração e gênero é mais como uma recomendação para estudos futuros das duas abordagens. Nosso foco é, portanto, migração de mulheres.

### **Compreendendo a Migração Feminina sob a Ótica das Redes Sociais**

Domésticas – o filme, primeiro longa-metragem do cineasta Fernando Meirelles, em co-direção com Nando Olival, tematiza o trabalho doméstico, tendo como protagonistas cinco empregadas domésticas que trabalham em casas de famílias de classe média em São Paulo, no ano de 2001: *Roxane, Raimunda, Quitéria, Créo e Cida*. Partindo deste cenário, o filme traz consigo mensagens simbólicas do universo doméstico.

*“Minha mãe quando eu nasci, disse que preferia me vê morta do que empregada doméstica. Eu sou doméstica”. (Personagem Créo)<sup>8</sup>*

*“- Bom dia! Meu nome é Quitéria foi a Zefa lá da casa da Dona Sônia que me mandou. Eu achava que aqui falava uma outra língua, sei lá um tipo de inglês sabe? Que eu não ia entender. Minha mãe falou: quando tu chegar lá, tu não fala nada, tu fica quieta. Eu ficava”. (Personagem Quitéria)*

A primeira fala da personagem *Créo* já indica a condição geracional da atividade de doméstica, sendo passado de bisavó que fora escrava, a avó que foi serviçal e a mãe doméstica. Nesta passagem, ser doméstica traz o ranço cultural da sociedade escravocrata e patriarcal. Para além disso, a reprodução do status social. Neste sentido, a condição doméstica é vista como algo sofrido, penoso. Por isso, a fala da mãe é carregada de significado.

Na segunda fala a personagem *Quitéria*, por ser mais nova, seu entendimento acerca do mundo na cidade é questionável. Mas, o que nos chama a atenção são as redes que intermedeiam a relação da procura por trabalho. Nesta seção, procuramos a partir desta passagem elaborar algumas considerações do papel das redes no recrutamento para a migração feminina.

Tilly *apud* Angelin (2012) afirma que as unidades efetivas da migração são compostas por conjuntos de pessoas ligadas por relações de amizade, de conhecimento, de parentesco e de trabalho.

A ideia de rede como instrumento teórico para análise dos processos migratórios é complexa, e de acordo com Piseli (1998) deve ser tratada como um conceito analítico. Neste sentido, faz ancorar suas análises no indivíduo enquanto centro de uma rede de relações múltiplas, enquanto unidade indispensável de análise de uma sociedade complexa, e caracterizada pela heterogeneidade, pelo conflito e pela fluidez.

Grande parte dos estudos que articulam redes a processos migratórios se referem a migração internacional (Assis, 2003; Soares, 2004; Goza, 2003) podendo, contudo, ter vários aspectos redimensionados numa perspectiva regional, contemplando o cenário da migração interna. (NETO e NAZARETH, 2012).

Ao analisar as redes como processos integrativos, a dúvida que se estabelece é sobre essa visibilidade de que rede está falando? As redes se estabelecem em espaços de convívio, é no interstício das relações entre as pessoas que é possível verificar sua efetivação. Neste sentido, podemos falar em redes de parentesco, redes de amizade, redes de vizinhos, redes de conterrâneos, etc.

---

<sup>8</sup> Diálogo do filme: *Domésticas*, de Fernando Meirelles, em co-direção com Nando Olival, 2001.



Para Soares e Rodrigues *apud* Angelin (2012), as relações estabelecidas entre os protagonistas de uma rede também apresentam forma e conteúdo. O conteúdo dessas relações é construído através da natureza dos laços sejam eles de parentesco, amizade, afetividade, etc. Já a forma da relação compreende dois aspectos, a intensidade do laço entre os protagonistas da rede e o grau de reciprocidade com que o laço entre os atores se manifesta.

Para o contexto migratório interno em que pese o deslocamento de um grupo de mulheres de comunidades rurais para a cidade, o conceito de rede ganha relevante papel, para tentar entender como esses processos se articulam.

Segundo o Censo do IBGE de 2010, entre os 4.643 mil indivíduos que migraram entre as Unidades da Federação nos 5 anos antes do Censo, 2.363 mil eram homens e 2.280 mil, mulheres. A maior parte dos migrantes era formada de adultos jovens, de 20 a 29 anos de idade, cujo percentual atingiu 31,5% do total de migrantes. Em seguida, representando 19,8% dos migrantes, figuram aqueles de 30 a 39 anos de idade.

Embora os homens continuem a migrar mais do que as mulheres, estas possuem significativa contribuição no movimento migratório, sobretudo na faixa etária de 20 a 29 anos de idade. Desta forma, uma das explicações se manifesta pela escassez de oportunidades de trabalho para as mulheres em comunidades rurais como no Distrito de Muquém – Mirabela – MG. Mas também, como salienta Lisboa (2007) as mudanças relacionadas à condição feminina e a uma maior conscientização das mulheres, que não apenas ambicionam uma vida melhor em termos objetivos, como trabalho e estudos, mas também em termos subjetivos, como a tentativa de romper com situações de opressão, discriminação e violência.

As redes sociais são um artifício útil à migração feminina, até pelos seus aspectos simbólicos: laço, fraternidade, cuidado, ajuda, etc.; mas não se pode perder o caráter do conflito e da própria ideia de democracia e igualdade. Por envolver a questão de gênero, de acordo com Assis (2003), homens e mulheres parecem ter inserções e papéis diferenciados nas redes, sendo importante destacar o papel das mulheres como articuladoras essenciais destes laços.

Como caracteriza Neto e Nazareth (2012), na gramática social das desigualdades em relação às mulheres migrantes brasileiras, além do gênero, fatores como raça e condições sócio-econômicas de origem realizam importantes crivos. Assim, por exemplo mulheres em condições econômicas mais desfavorecidas, costumam ter um acesso mais restrito a educação e a qualificação profissional, de modo que, ao migrar, acabam configurando um enorme contingente de mão-de-obra assistencial.

A migração interna de mulheres com ingresso ao trabalho doméstico é visto pelas redes como algo naturalizado, como visto na passagem acima que narra a história da personagem *Quitéria* do filme: *Domésticas*. É sempre alguém que trabalhou em alguma casa quem indica uma amiga para trabalhar como doméstica. Essa relação traz à tona elementos de confiança, ajuda, amizade e que vão perdurar pelo sentimento da gratidão. Para Durham (1984, p. 151) “a integração do migrante nessa situação frequentemente impede sua passagem para sistemas econômicos mais produtivos e reduz o trabalhador a uma marginalização permanente.” O que vai de encontro à fala da personagem de *Créo*: mãe e filha vão perpetuando a condição de doméstica entre as mulheres da família.

Lisboa (2007) chama atenção para o fato das categorias de modalidades do trabalho doméstico: domésticas externas, mensalistas, faxineiras ou diaristas, que geralmente são mulheres pobres com filhos menores, morando nas periferias das grandes cidades, muitas vezes sem creche ou escolas em tempo integral para seus filhos. É nesse momento que as redes de apoio se fazem presente, garantindo acolhimento e estabelecimento no trabalho na cidade, o que segundo Neto e Nazareth (2012), muitas vezes são sua única forma de articulação com o mercado de trabalho, mesmo que o vivam de forma irregular e informal, sem as garantias previstas em lei. Atualmente, não oferecer alojamento para as empregadas é uma maneira de cortar gastos para a classe média.

Portanto, as redes de apoio no local de destino são responsáveis pela criação das condições necessárias para garantir a inserção das mulheres migrantes no trabalho doméstico, se constituindo no motor propulsor dos projetos migratórios.

### **Formas de Incorporação no Mercado de Trabalho: O Trabalho Doméstico como Inserção Laboral**

Historicamente, o trabalho doméstico sempre carregou o estigma da servidão. Primeiro com a cooptação de “moças do interior” para “ajudar” a servir a nova classe burguesa que estava emergindo, sobre a esfera privada, essa relação de trabalho sempre se manteve na invisibilidade.

Com a expansão da classe média via processo de urbanização e industrialização transformou-se a relação trabalho doméstico - serviçal em serviço doméstico. Brites (2000) evidencia que, com o processo de urbanização e modernização da sociedade brasileira, ocorreu o deslocamento das relações de poder. Apesar do distanciamento cada vez mais

acentuado entre dominantes e subalternos, a empregada doméstica constituiu-se em personagem importante, capaz de ligar mundos bastante díspares.

Essa inserção configura-se como um trampolim para a entrada no mercado de trabalho produtivo via trabalho reprodutivo. Na visão de Jacquet (2003) o deslocamento social marca a construção de uma nova identidade social que o trabalho doméstico deve possibilitar. O trabalho doméstico constitui um canal de acesso e de estabelecimento na cidade.

Assim, de acordo com a OIT (2010) o trabalho doméstico é uma significativa fonte de ocupação para muitas mulheres no mundo e porta de entrada no mercado de trabalho para as mulheres mais pobres. A demanda pelo trabalho doméstico remunerado tem crescido em todas as partes do mundo. Mudanças na estrutura familiar e na organização do trabalho contribuem tremendamente para isso. A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e a frequente insuficiência ou ausência de políticas públicas, programas e ações que promovam a conciliação entre o trabalho e a vida familiar são aspectos marcantes destas mudanças. Contribuem ainda para este quadro o envelhecimento da população e a intensificação da jornada de trabalho nos anos mais recentes.

Pensando numa sociedade como a brasileira, onde há anos este serviço esteve à franja do mercado, em constante oscilação, nota-se uma transformação gradual dentro da própria categoria “doméstica”. O aquecimento do mercado de trabalho, crescimento econômico e dinamismo da economia, geraram novos postos de trabalho, como as empresas de telemarketing, que mesmo se configurando em outra forma de precarização de trabalho têm recebido esta mão-de-obra.

Uma das explicações está ligada ao reconhecimento da atividade, a ampliação do mercado de trabalho e uma maior qualificação das mulheres.

Cabe destacar que o trabalho doméstico remunerado abordado neste estudo será chamado também de Serviços Domésticos ou Emprego Doméstico, cujo foco de análise é apenas a trabalhadora doméstica remunerada. E segundo Melo (1998) é um bolsão de ocupação para a mão-de-obra feminina no Brasil, porque constitui culturalmente o lugar da mulher e a execução dessas tarefas não exige nenhuma qualificação. Essa atividade, por isso, é o refúgio dos trabalhadores com baixa escolaridade e sem treinamento na sociedade.

Segundo Melo e Di Sabbato (2011) as mudanças significativas ocorridas no perfil do mercado de trabalho nos últimos anos não parecem ter afetado o emprego doméstico. Este ocupava 18% das mulheres e em 2009 17%, representando, em números absolutos, aproximadamente, em 2001, 5,5 e 6,7 milhões de mulheres, respectivamente. Considerando apenas as trabalhadoras ocupadas no setor de serviços, a participação do emprego doméstico

atingia 24,2%, em 2001, e 22,4% em 2009 (PNAD/IBGE, 2001, 2009). Percebemos então, no intervalo de 8 anos, uma situação praticamente idêntica.

Para Ávila (2008) as empregadas domésticas, por sua vez, são levadas a esta ocupação. Não se trata de uma escolha, mas de limites colocados pelas estruturas de classe, patriarcais e racistas da sociedade. São as mulheres pobres e negras as que estão no emprego doméstico, no Brasil, hoje.

De acordo com Melo (1998) o serviço doméstico remunerado tem um papel importante na absorção das mulheres de menor escolaridade e sem experiência profissional no mercado de trabalho. Funciona como a porta de entrada para as jovens migrantes rural-urbanas brasileiras.

O trabalho doméstico realizado de diversas maneiras, seja em residências particulares de forma constante ou intermitente, há muito absorve a mão-de-obra feminina no Brasil, estando estreitamente ligado ao movimento migratório, interno e externo.

Valim (1996) alertava para o intenso fenômeno que vem ocorrendo em áreas onde predomina a concentração de terras e que expulsa os trabalhadores do campo, estando ligado à migração de mulheres para as grandes capitais ou cidades médias, onde se empregam como domésticas.

Segundo Jacquet (2003) o trabalho doméstico constitui um canal de acesso e estabelecimento na cidade, cujo objetivo é a construção de uma nova identidade social que o trabalho doméstico deve possibilitar. E as trabalhadoras domésticas participam ativamente da formação da população urbana brasileira.

E Rossini (1998) destaca que a intensa migração para a cidade acabou por resultar na urbanização da sua reprodução.

De acordo com Melo (1998) como esse serviço constitui culturalmente o lugar da mulher e a execução dessas tarefas não exige nenhuma qualificação, é refúgio dos trabalhadores com baixa escolaridade e sem treinamento, considerado pela sociedade como ocupação subalterna e fora do circuito mercantil. Mas tal qualificação varia, dependendo de quem a exerça.

Para Lisboa (2007) como trabalhadoras domésticas, as mulheres migrantes enfrentam vários tipos de discriminação, tendo como norte uma subjetividade de classe que, imbricada com as condições de gênero e etnia, produz uma alquimia na subjetividade delas. Estas no processo conflitivo e dialético de construção de sua subjetividade, de um lado lutando contra a discriminação de gênero, classe e etnia, e de outro afirmando sua identidade de mulheres e trabalhadoras domésticas que lutam por uma causa comum, têm na valorização de sua

profissão uma conquista de auto-estima e autoconfiança e um alicerce fundamental para seu processo de aculturação e emancipação.

Na visão de Melo e Di Sabbato (2011) pensar nas trabalhadoras domésticas significa refletir sobre o papel do trabalho doméstico na reprodução humana. Ou seja, por ser essencialmente um trabalho que não gera valor (lucro), mas, outro valor que é o do cuidar da família.

A desvalorização do fazer doméstico, um trabalho reprodutivo que não gera um produto final a ser comercializado, atinge as empregadas domésticas que buscam, desde a década de 1970 no Brasil, a valorização do seu trabalho. (FEDIUK, 2012).

Para Camillotto (2002, p. 28) “um dos aspectos que tornam mais complexas as relações do trabalho doméstico é o não enquadramento desta modalidade de trabalho no sistema hierárquico peculiar da sociedade capitalista, uma vez que, devido às dificuldades de inserção de intermediários no dia-a-dia da convivência entre as partes, situa-o como vulnerável”.

A invisibilidade que cerca o trabalho doméstico permanece como uma nuvem sombria sobre a condição feminina. A própria sociedade ignora as normas que regulam as relações de trabalho doméstico (MELO e DI SABBATO, 2011).

Deste modo, são válidas as reflexões de Matos (2009): o mercado de trabalho doméstico tem que ser considerado como de fato é, um ambiente relacional, em um país de desigualdade de renda e oportunidades, mas onde o pacto de mútuo benefício deve ser protegido e incentivado, favorecendo a livre empregabilidade, expurgando aqueles que confundem a proximidade da relação de emprego dentro de casa com o direito ilimitado ao trabalho do outro.

De acordo com Melo e Di Sabbato (2011) no Brasil, com suas imensas desigualdades sociais, o trabalho doméstico permanece há décadas como uma das principais ocupações das mulheres brasileiras. Possivelmente o que explica sua permanência, como um fenômeno nacional ou global, é o desequilíbrio na distribuição de renda pessoal e a labuta exigida pela reprodução da vida.

Para os autores, como a desigualdade de renda tem se acentuado na economia mundial, as disparidades engendradas entre famílias ricas e pobres possibilitam e incentivam esse tipo de trabalho, gerando uma demanda permanente por serviços domésticos na sociedade, especialmente por parte das famílias com crianças pequenas e nas quais as mães trabalhem fora de casa.

Diante de tal fato, Oliveira e Jannuzzi (2005) em seus estudos levantaram alguns motivos da migração. E destacaram que há dois enfoques sobre as possíveis causas da migração. O enfoque neoclássico sugere que os indivíduos migrariam em busca de trabalho, melhores oportunidades e salários, realizando um cálculo racional- econômico para a escolha do destino. Já a abordagem histórico-estruturalista indica que a formação dos fluxos de migrantes decorreria das necessidades e ditames do desenvolvimento econômico capitalista no país. Qualquer que seja o ponto de vista, os motivos da migração empreendida – pessoal ou compulsoriamente – seriam os relacionados ao trabalho; e os protagonistas do processo, jovens em pleno potencial produtivo.

Lisboa (2007) ao analisar os fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo apontou como motivos as seguintes questões:

1) a questão socioeconômica: falta de oportunidades de emprego ou ocupações remuneradas no local de origem, bem como a desvalorização do trabalho feminino; 2) o acesso à educação ou a oportunidades de maior qualificação profissional; 3) a conquista da independência econômica e social de suas famílias de origem, principalmente as solteiras, viúvas ou mulheres que sofriam violência no local de origem; 4) a possibilidade de alcançar mobilidade social, melhorar de status em relação ao emprego que exerciam nos países de origem, ou seja, serem valorizadas; 5) o acesso a serviços básicos, atendimento à saúde; 6) experimentar diferentes sensações: conhecer um país diferente, divertir-se, ir a festas, sair com as amigas, aprender coisas novas; 7) ir atrás da rede familiar, de conhecidos ou amigos que já se encontram no local e motivam a emigração (p. 810).

A condição em que o trabalho doméstico se insere é através das redes sociais de apoio que segundo Sertório e Santos (2012), podem ser consideradas as verdadeiras unidades da migração, uma vez que indivíduos e coletividades tomam suas decisões, planejam estratégias de movimento e travessia de fronteiras, encontram apoio em termos de moradia e trabalho e, finalmente, resistem aos controles anti-migração, através do apoio obtido nessas teias de relações sociais.

Ao se deslocarem, como diaristas, que é uma modalidade de ocupação sem a possibilidade de morar no emprego, encontram na rede de apoio um lugar para se estabelecer até poder alugar uma moradia.

Para Truzzi (2008) outra definição acentua algumas das funções sociais das redes, ao defini-las como “agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos”.

As implicações desta modalidade de interação migração-trabalho doméstico podem ser vistos como uma forma de inserção mais rápida de ocupação. O que não se configura como uma estabilidade. Em recentes estudos da PED (2010) pôde-se indicar a tendência ao crescimento do emprego doméstico diarista e à redução das mensalistas.

Assim, são válidas as indagações de Sertório e Santos (2012) os movimentos migratórios estão fortemente associados à mobilidade da força de trabalho. Os migrantes em busca de trabalho representam, na maioria das vezes, a principal parcela dos fluxos de população. O capital, mesmo na roupagem da acumulação flexível, permanece usufruindo a “dupla mobilidade da força de trabalho”.

Contudo, não é possível compreender o fenômeno migratório apenas através do viés econômico ou economicista, uma vez que esse aporte não permite dar conta de todos os processos associados à migração.

Percebemos que o principal motivo da saída destas trabalhadoras é o emprego, que possa proporcionar, na vida desta trabalhadora e na de sua família, melhores condições. O movimento migratório é marcado pela saída do presente e a volta ao passado e retorno do presente.

### **Considerações Finais**

Considera-se neste estudo a autonomia da mulher nos processos migratórios, a migração feminina para atuar no trabalho doméstico nas casas das famílias de classe média e alta nas cidades é um fato ainda muito presente em nossa sociedade.

Contudo, percebemos a lacuna dos estudos clássicos sobre a migração, com base na teoria *push-pull*, a invisibilidade da categoria gênero e, portanto, as mulheres quase nunca tiveram como sujeitos ativos nas dinâmicas migratórias. A maior parte dos estudos clássicos, veem a migração como resultado de uma escolha racional do indivíduo e não como estratégias familiares de reprodução social. Assim, a migração de mulheres para o trabalho, ainda que um trabalho considerado naturalizado e socializante era praticamente invisível nos estudos das teorias migratórias.

Entretanto, estudos recentes sobre a migração vem abordando categorias até então negligenciadas nos estudos clássicos e percebe-se a introdução de conceitos de “redes sociais”, “gênero”, “mulheres migrantes”, além de dar voz a mulher como sujeitos autônomos no projeto migratório. Apontando que elas são indivíduos ativos, tomando decisão de migrar e

reajustando os modos de vida na sociedade receptora. Um ponto chave que as teorias clássicas não conseguiram perceber foi a atuação das redes de apoio, pois, estas indicam o poder de articulação e mobilização das mulheres, sobretudo, nas redes de parentesco. Neste estudo, elas são as pioneiras no movimento migratório familiar, a migração se processou na adolescência, configurando uma mudança na “esperança de uma vida melhor” que o trabalho doméstico na casa de terceiros poderia proporcionar.

Quanto às novas relações sociais é comum encontrar entre os migrantes as redes de apoio que atuam na socialização deste migrante na sociedade de destino. Nota-se neste estudo o papel das redes de parentesco na efetivação do projeto migratório, seja através das experiências migratórias conhecidas ou pelo incentivo da vinda de outros familiares.

### **Referências Bibliográficas**

ANGELIN, P. E. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. 255 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Carlos, 2012.

ASSIS, G. O. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Estudos Feministas, Florianópolis, nº 15, v 3, p. 745- 772, setembro-dezembro/2007.

\_\_\_\_\_. “De criciúma para o mundo” – Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. R. (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BRITES, J. “**Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico**”. Tese (Doutorado em Antropologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

CAMILLÔTTO, C. A. G. **Avaliação da condição profissional dos auxiliares domésticos**. Juiz de Fora: Departamento de Ciências Sociais da UFJF, 2002.

CASAGRANDE, L.S.; CARVALHO, M. G. Gênero: um conceito, múltiplos enfoques. **Cadernos de gênero e tecnologia**, ano 1, nº 1, p. 9-25, fev./mar./abr. 2005.

CHAVES, M. F. G. **Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981-1991**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.



DURHAM, E. R. **A caminho da Cidade**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

FEDIUK, M. M. **Empregadas domésticas: uma revisão da literatura brasileira**. Disponível em: < [www.cni.unc.br/psicologia/empregadadomestica2.pd](http://www.cni.unc.br/psicologia/empregadadomestica2.pd).> Acessado em: 25 de março de 2012.

JACQUET, C. Urbanização e emprego doméstico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 52, p. 163-219, jun. 2003.

LISBOA, T. K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Revista de Estudos Feministas**, n. 3, v. 15, p. 805-821, Florianópolis, set. /dez. 2007.

MARQUES, J. C.; GÓIS, P. **A emergência das migrações no feminino**. Princípios, Cascais. 2012.

MATOS, M. R. Trabalhadores urbanos e domésticos: a constituição federal e sua assimetria. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n.3, v. 17, 871-878, set. /dez. 2009.

MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 15, n. 1, 1998.

MELO, H. P.; DI SABBATO, A. Trabalhadoras domésticas: eterna ocupação feminina. In: **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010** / Organização: Leila Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy – Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

MIRANDA, J. Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projectos de vida. **Estudos do Observatório da Imigração**, nº 35, outubro de 2009.

NETO, M. I. D.; NAZARETH, J. **Redes sociais na experiência migratória de mulheres nordestinas**. Disponível em: < [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/315.%20redes%20sociais%20na%20experi%C3%Aancia%20migrat%C3%B3ria%20de%20mulheres%20nordestinas.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/315.%20redes%20sociais%20na%20experi%C3%Aancia%20migrat%C3%B3ria%20de%20mulheres%20nordestinas.pdf).>. Acessado em 23 de Outubro de 2012.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Trabalho digno para o trabalho doméstico**. [periódico da internet] 2010. [Acessado em 04/12/12] Disponível em: < [http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub\\_trabdomestico.pdf](http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub_trabdomestico.pdf)>

OLIVEIRA, K. F.; JANNUZZI, P. M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste padrões etários, por sexo e origem/destino. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005

PERES, R. G.; BAENINGER, R. **Espaços Migratórios na Fronteira: Imigração Boliviana e Gênero**. In: IV Congresso Paraguaio de População da Associação Paraguaia de Estudos de População. Assunção, 14 a 16 de novembro de 2011.

PESSAR, P. R. The Linkage Between the household and workplace of dominican women in the U.S. **International Migration Review**, vol XVIII, nº 4, 2000.

PISELLI, F. Mulheres migrantes: uma abordagem a partir da teoria das redes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 50, fev. 1998.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Editora José Olímpio. 1938.

SERTÓRIO, L.B.; SANTOS, M. O. **Relações entre trabalho, educação, gênero e migração**. Disponível em:< [http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane\\_Bruno\\_Sertorio\\_e\\_Miriam\\_de\\_Oliveira\\_Santos\\_relacoes\\_entre\\_trabalho\\_educacao\\_genero\\_e\\_migracao.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane_Bruno_Sertorio_e_Miriam_de_Oliveira_Santos_relacoes_entre_trabalho_educacao_genero_e_migracao.pdf)>. Acessado em: 23 de março de 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez,1995.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Revista Tempo Social**, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

VALIM, A. **Migrações- da perda da terra à exclusão social**. São Paulo: Atual, 1996.